



A Santa Sé

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA PAULO VI PARA A QUARESMA DE 1974

Queridos Filhos:

Dez meses, aproximadamente, se passaram já depois de havermos anunciado o Ano Santo. «Renovação,» e «reconciliação» continuam a ser as palavras-chave desta celebração e designam, a um tempo, os objectivos da mesma e as esperanças que Nós nela depositamos. Tais palavras, no entanto, não poderão ser traduzidas na prática, sem que se opere em nós uma ruptura (cf. *Alocução* de 9 de Maio de 1973).

E eis-nos chegados ao tempo da Quaresma, que é o tempo por excelência de renovação de nós mesmos, em Cristo, e da reconciliação com Deus e com os nossos irmãos. Durante ele nós associamo-nos à morte e à ressurreição de Cristo, na medida em que se der uma ruptura com as situações de pecado, de injustiça e de egoísmo.

Seja-Nos permitido, pois, insistir hoje numa ruptura em particular, exigida pelo espírito da Quaresma: a ruptura com um apego demasiado excessivo aos nossos haveres materiais, quer eles sejam abundantes, como no caso do rico Zaqueu (cf. *Lc* 19, 8), quer sejam escassos, como no caso da viúva louvada por Jesus (cf. *Mc* 12, 43). Na linguagem figurada do seu tempo, já São Basílio pregava àqueles que se encontravam em abundância: «o pão que em vossa casa fica como sobra inútil é o pão daqueles que passam fome; a túnica que está dependurada no vosso guarda-vestidos, é a túnica daquele que está nu; os sapatos a mais que nas vossas habitações permanecem inúteis são os daqueles que andam descalços; o dinheiro que vós conservais aferrolhado é o dinheiro do pobre: vós cometeis tantas injustiças, quantas são as obras de bem-fazer que poderíeis praticar (*Hom. VI in Lc*, XII, 18; *PG* XXXI, col. 275).

Tais palavras dão-nos que pensar, num tempo em que ódios e conflitos são provocados pela injustiça daqueles que açambarcam em desfavor daqueles, que nada têm, daqueles que preferem cuidar do seu próprio dia de amanhã, a cuidar do dia de hoje dos seus semelhantes, daqueles,

enfim, que por ignorância ou por egoísmo, recusam privar-se do supérfluo em favor dos que carecem do necessário (cf. *Mater et Magistra*).

E, nesta linha de pensamento, como poderíamos deixar de evocar a renovação e a reconciliação exigidas e asseguradas pela plenitude do nosso «único pão» eucarístico? Para comungar, todos juntos, no Corpo de Cristo, é preciso estar-se possuído da vontade sincera de que a ninguém falte o necessário, mesmo que isso haja de ser à custa de sacrifícios pessoais. De outro modo, nós faríamos uma afronta à Igreja, ao Corpo Místico de Cristo, de que somos os membros. Assim, São Paulo, quando admoestava os Coríntios, punha-nos também a todos nós de sobreaviso contra o perigo de um comportamento deplorável neste aspecto (cf. *1 Cor* 11, 17 ss.).

Seria, pois, pecar contra esta unanimidade o recusar hoje a milhões de irmãos nossos aquilo que comportam as exigências da sua promoção humana. Neste tempo da Quaresma, cada vez mais, a Igreja e as suas instituições de caridade solicitam os cristãos para esta empresa imensa. Pregar o Jubileu é pregar o desapego, ao mesmo tempo alegre e profundo, que nos pode restituir à verdade do nós próprios e à verdade da família humana, tal como Deus a quis. E sucederá, então, que a presente Quaresma já pode ser portadora, aqui na vida presente, para além da garantia da recompensa celestial, daqueles «cem-por-um» prometidos por Cristo àqueles que dão com o coração aberto.

Procurai todos, neste Nosso apelo, ouvir um duplo eco que aí se repercute: o da voz do Senhor, que vos fala e vos exorta, e aqueloutro, gemebundo, da humanidade que chora e vos suplica. Todos, absolutamente todos – Bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas, leigos adultos e crianças – a título individual e em comunidade, somos chamados para fazer obras de partilhar, no amor, porque isso é um mandamento do Senhor.

A cada um de vós, Nós outorgamos a nossa Bênção Apostólica: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo! – Amen.

PAPA PAULO VI

Copyright © Libreria Editrice Vaticana